

ENTRE FACES E ENLACES: A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA NORTE-AMERICANA E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NOS TEMPOS DA GUERRA FRIA

Gustavo Constantino Rosa¹; Eliska Altmann de Carvalho²

¹Bolsista PIBIC, discente do Curso de Graduação em Relações Internacionais, ICHS/UFRRJ; ²Docente do Departamento de Ciências Sociais/ICHS/UFRRJ.

Palavras-chave: Cinema, hegemonia, identidade nacional, relações internacionais.

Introdução

Diante da dificuldade de resolução do conflito pelas vias tradicionais de guerra aberta e direta por conta da possibilidade de confronto nuclear, os Estados Unidos buscariam maximizar influência através da mídia ao longo da Guerra Fria. Muitas foram as formas de representação, dentre elas o teatro, a televisão, a literatura e a chamada Sétima Arte, o cinema. Para fins desta pesquisa, analisamos a dinâmica da estrutura capitalista da guerra, identificando em Hollywood os aspectos que marcaram não só este período da história, como o lugar que o cinema ocupa na constituição de um imaginário coletivo. Através do cinema, abrimos uma janela que nos permitiu entrar em contato com a sociedade norte-americana do século XX e, só assim, empreender também a análise do nascimento e da consolidação hegemônica desta indústria cinematográfica atenta aos interesses da nação.

Metodologia

O modelo foi trabalhado a partir da unidade de análise, via pesquisa bibliográfica, e dividido em três etapas básicas. A primeira delas correspondeu a escolha do material teórico que nortearia nossa análise e compreensão acerca de conceitos como hegemonia, poder, identidade e cultura nas relações internacionais, enquanto a segunda etapa pelo levantamento e revisão da bibliografia empírica. A terceira e última fase da pesquisa fez uso de algumas das obras cinematográficas da época com o intuito de identificar as variáveis e questões levantadas pelas bibliografias teórica e empírica das etapas anteriores.

Resultados e discussão

As tendências globalizantes do capitalismo, aspecto fortemente associado ao período da Guerra Fria, não podem ser compreendidas independentemente do papel exercido pelos Estados que historicamente constituíram o mundo capitalista. Neste sentido, mais do que analisar a penetração do capitalismo pelo mundo, deve-se antes de tudo, entender a dinâmica dos Estados que uniram esforços para sua consolidação. Dessa forma, o lugar central que os EUA ocupam dentro do capitalismo global deve-se a uma convergência entre estrutura e história (PANITCH; GINDIN, 2006, p. 29). Historicamente, como aponta Lukacs (2006), o século XX é marcado pela construção de uma mentalidade norte-americana como “povo escolhido” acompanhada também pelo significativo aumento do padrão material e das condições de vida sem precedentes na história do mundo. Tal processo, assim chamado de “norteamericanização do mundo” pelo autor, acompanhou uma crescente consciência do ser norte-americano, à medida que o desejo por prestígio e expansão invadiu as mentes do cidadão comum dos Estados Unidos de modo que o respeito pelo poder da recente república parecia gigantesco. Quanto à estrutura, o século XX é marcado por duas grandes guerras que deslocam o epicentro de poder da Europa para o Novo Mundo. A Inglaterra já não consegue mais sustentar sua hegemonia, uma vez que sua capacidade coercitiva e de liderança já não é mais capaz de tirar o mundo do caos sistêmico que se estabeleceu com as guerras mundiais (ARRIGHI, 2007).

Aqui, entende-se por hegemonia mundial a capacidade de um Estado de dominar o sistema, via capacidade material, e de liderá-lo moral e intelectualmente (GRAMSCI, 1971, p. 57-58). O Estado se torna hegemônico quando possui a capacidade coercitiva e quando consegue fazer um interesse particular ser perseguido pelos demais como universal. Como já mencionado, a história dos Estados Unidos nos conta um enorme progresso material. Norteamericano se tornaria sinônimo de “mais rico” aos olhos do mundo, enquanto que interna e externamente o potencial de “ser rico” era visto como uma virtude inseparável à ideia de ser livre. Sendo assim, a solução para o caos sistêmico era facilitada, pelo menos em parte, pelo exemplo norte-americano assim como pela sua liberdade. Os Estados Unidos assumiram pela primeira vez o lugar que lhes havia sido guardado pela história: o de império (PANITCH; GINDIN, 2006).

A América surgira como a potência mais poderosa do mundo no pós-guerra e, portanto, dependeria dela decidir que tipo de ordem o mundo precisava. Uma ordem cujo objetivo seria o de resguardar o papel de dominação econômica, sobretudo, e de liderança dos Estados Unidos sob a égide do capitalismo, da “liberdade individual e da democracia”. Hollywood viria retratar, com excelência, esta lógica. Os filmes hollywoodianos nos levam a crer que somente a nova potência poderia resolver os problemas da humanidade, como na série James Bond, por exemplo, que sempre traz em sua trama algum desafio que somente a superioridade militar, tecnológica e intelectual capitalista é capaz de solucionar. Não à toa, nesta época, Hollywood refreou os filmes de espetáculo meramente por espetáculo e investiu nos filmes de propaganda (LUCENA, 2006, p. 12), estes acompanhados atentamente pelo Alto Comando Militar, quando o próprio Pentágono não se tornava diretamente produtor e distribuidor de filmes (VIRILIO, 2005, p. 30).

Mais do que num sentido pragmático ao relacionarmos o cinema e o contexto da bipolarização, o primeiro se manifesta de outras formas no imaginário popular e tais aspectos são algumas das causas do que viria a se tornar Hollywood na Guerra Fria. O cinema norte-americano, ao longo de sua história, sempre se empenhou em retratar um

tipo particular de sociedade, cuja apropriação e exportação de símbolos, mitos e temas nacionais se mostraram como um de seus principais objetivos. Mais do que retratar um mundo dividido, os filmes de propaganda da época refletem um projeto de nação norte-americana, uma nação que se percebe excepcional na história diante de seus atributos materiais e morais. Daí a necessidade de se compreender a tríade Cinema-Política-Cultura. Hollywood foi uma indústria que se ergueu, desde os primeiros momentos, com intuítos universais, isto é, seus produtos nunca foram concebidos apenas para consumo interno, mas pensados e fabricados para “ganhar o mundo”. Não à toa, desde os primeiros anos do cinema comercial estabeleceu-se uma forte dicotomia entre o cinema “universal” hollywoodiano e os cinemas “nacionais” de “outros” países (BUTCHER, 2004, p. 16-17). Sendo assim, a dificuldade de tratar esta tríade é que os fatos precisam ser relacionados não só ao nível da produção como também ao do consumidor (FURHAMMAR, 1976, p. 223). Através da manipulação da imagem cinematográfica, é possível incutir no espectador conceitos sobre a realidade, sugerindo uma adesão às ideias propostas nos filmes. Logo, os mitos americanos da liberdade de expressão e da América como terra de oportunidades e de liberdade sempre foram constantemente representados e reafirmados, num processo de fabricação e venda de estilos de vida e de comportamento. Mais tarde, tais filmes seriam influenciados pela cultura anticomunista, uma vez que os soviéticos supostamente ameaçariam tais princípios e, portanto, deveriam ser combatidos.

A partir desta lógica, se analisamos algumas das produções cinematográficas deste período, notamos que estas são repletas de confrontação entre o bem e o mal, a ordem e o caos, liberdade e terror. Em cada caso, estes contrastes serviram para simplificar a mensagem que se pretendia difundir ou propagandear, auxiliando na criação de valores e julgamentos. Em tempos de incerteza e insegurança, como o da Guerra Fria, a imagem reproduzida nos filmes conseguiu alcançar sua maior efetividade tendo na disseminação do ódio a sua maior contribuição, influenciando, mudando ou reforçando atitudes e opiniões sociais. São exemplos de filmes que carregam estes recursos: *Cortina de Ferro* (1948), *Traidor* (1949), *Eu fui um comunista para o FBI* (1951), *Aventura Perigosa* (1952), *Anjo do Mal* (1953), *Topázio* (1962), *Moscou contra 007* (1963), *Planeta dos Macacos* (1968), *O dia seguinte* (1983) e *Rocky IV* (1985).

Conclusão

Como afirma Silva (2004, p. 3), o cinema está para a sociedade, tal qual a religião estava para a Europa no século anterior, pois representa um modelador do inconsciente coletivo – através de seus heróis e de suas sagas – e cria uma simbologia e uma forma de se relacionar com o público que o conduz a internalização deste significado. O cinema estabelece um código de ética próprio e cumpre sua função expansionista ao conquistar novas fronteiras culturais (KEHL, 1996). Logo, como toda arte é preciso historicizá-lo, e como toda indústria, compreender as estruturas sociais, políticas e econômicas que juntas contribuíram no seu processo de formação (SILVA, 2004, p. 3).

Mais do que explicitamente tornar o cinema uma propaganda (a indústria), os produtores acreditavam fielmente na solidez do sistema, uma vez que, como foi mencionado, a Sétima Arte havia tomada para si a própria mentalidade do povo norte-americano que em vias de ascensão hegemônica, guardava pra si a responsabilidade de liderar um mundo devastado pelas guerras do século XX (arte e identidade). Sendo assim, entendemos que a cultura e a política não são aspectos isolados da sociedade, mas partes de um todo integrado – sua face – com suas partes – seus enlazes – que formam o processo histórico. Compreendemos que os filmes modelaram uma visão de mundo e estabeleceram a hegemonia de determinados projetos político-sociais, ampliando as possibilidades de análise histórica ao elencar as influências culturais e comportamentais produzidas pelo cinema estadunidense. Como afirma Lucena (2006, p. 20), história e cinema representam o desenrolar de acontecimentos, procurando atribuir coerência e inteligibilidade aos processos históricos e aos contextos nos quais eles têm sua origem ou estão imbricados; ancoram seus discursos numa “realidade” que se dispõem a (re)construir.

Referências bibliográficas

- ARRIGHI, Giovanni. **As três hegemonias do capitalismo histórico**. Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais. In. Stephen Gill (org.). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007.
- BUTCHER, Pedro. A reinvenção de Hollywood: cinema americano e produção de subjetividade nas sociedades de controle. **Contemporânea**, n.3, p. 14-26, 2004.
- FUKHAMAR, Lelf. **Cinema e política**. Paz e Terra, 1976.
- GRAMSCI, Antonio. **Selections from the prison notebooks of Antonio Gramsci**. International Publishers, 1971.
- KEHL, Maria Rita. **Cinema e imaginário**. O cinema no século. In. Ismael Xavier (org.). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LUCENA, Eduardo Gomes de. **A Guerra Fria no cinema hollywoodiano**. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006
- LUKACS, John. **Uma nova república: história dos Estados Unidos no século XX**. Tradução: Vera Galante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- PANITCH, Leo; GINDIN, Sam. Capitalismo global e império norte-americano. **Socialist Register**, p. 19-70, 2006.
- SILVA, Priscila Aquino. Cinema e história: o imaginário norte-americano através de Hollywood. **Cantareira**, v. 1, n. 5, p. 1-18, Abr-Ago 2004.
- VIRILIO, Paul. **Guerra e Cinema**. Boitempo Editorial, 2006.